

# MULHERES NA AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA: PESQUISADORAS DO CHÃO POR MEIO DA EXPERIÊNCIA DO POLICULTIVO DA TERRA

*Alais Benedetti*<sup>1</sup>  
*Inês Hennigen*<sup>2</sup>

## RESUMO

*Este trabalho objetiva discorrer acerca de saberes e práticas da roça transmitidas entre mulheres com trajetórias de vida marcadas pela agricultura de subsistência no Sul do Brasil. Por meio de uma cartografia tecida com memórias compartilhadas por intermédio de histórias orais, nota-se que as relações estabelecidas com a terra em práticas de policultivo oferecem pistas para a construção de posicionamentos éticos, estéticos e políticos dentro da inserção recente da psicologia nas ruralidades brasileiras. Saberes e práticas que criados e transmitidos por mulheres agenciadas à terra, colocam-se como possibilidade de composição de políticas de cuidado baseadas em epistemologias ecológicas que tensionam o Antropoceno. Um saber-fazer de mulheres que ao se relacionarem com a terra, fazem do chão um modo de produção de sentidos e afirmação da pluralidade da vida dentro de uma perspectiva comunitária.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *mulheres, agricultura, antropoceno, Terra, ecologia*

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestrado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [alaisbndtti@gmail.com](mailto:alaisbndtti@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4677-5552>.

<sup>2</sup> Psicóloga. Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestrado em Psicologia do desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, é professora convidada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [ineshennigen@gmail.com](mailto:ineshennigen@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0973-5973>.

**WOMEN IN SUBSISTENCE AGRICULTURE:  
RESEARCHERS OF THE SOIL THROUGH THE EXPERIENCE OF CULTIVATING  
THE LAND**

**ABSTRACT**

*This work aims to discuss the knowledge and practices of the countryside transmitted among women whose life trajectories were marked by subsistence agriculture in southern Brazil. Through a cartography woven with memories shared through oral histories, it is noted that the relationship established with the land in polyculture practices offers clues for the construction of ethical, aesthetic and political positions within the recent insertion of psychology in Brazilian ruralities. Knowledge and practices that were created and transmitted by women with agency to the land, pose as a possibility for composing care policies based on ecological epistemologies that tension the Anthropocene logic. A know-how of researchers who consider the ground as the production of meaning and affirmation of the plurality of life within a community perspective.*

**KEYWORDS:** *women, agriculture, anthropocene, Earth, ecology.*

## SENTIR A TERRA: INTRODUÇÃO A UM PERCURSO DE PESQUISA

Colocar a terra na centralidade do debate em instituições universitárias, reconhecidas como produtoras de conhecimento, tornou-se uma tarefa fundamental na contemporaneidade. Circunscrita por múltiplas produções de sentido, senti-la é um modo de habitar a problemática acerca do colapso do sistema colonial-capitalista, orquestrado pelo Antropoceno que, dentre suas definições, pode ser tomado como um tempo geológico em que as ações humanas criaram um desequilíbrio planetário (Marina Guzzo, 2022). Ou, nas palavras de Donna Haraway (2016), como a destruição de espaços-tempos de refúgio das multiespécies pelos arranjos da racionalidade ocidental.

Cabe, de antemão, ressaltar, que o Antropoceno é um conjunto de ideias que surgem dentro de contextos acadêmicos, segue sendo teorizado de forma crítica e está permeado de problematizações. Malcom Ferdinand (2022) chama a atenção para o fato de que as construções do Antropoceno associadas à crise ecológica são produzidas ocultando a colonização e a escravidão como arranjos centrais da destruição dos ecossistemas. Ainda, tende a reproduzir uma categorização de humano e natureza de forma universal, invisibilizando a diversidade de ecossistemas, territórios e modos de habitar o mundo das pluralidades étnicas. Operação clássica do homem branco em seu processo contínuo de domínio e sustentação de uma constituição colonial do mundo.

Jason Morre (2022) tensiona o arranjo conceitual do Antropoceno a partir de construções do que o nomeia como Capitoloceno. Para o autor, a ideia de separação dualista entre natureza e cultura está inerente às perspectivas produzidas do Antropoceno, além de tender a ocultar a ascensão e a formação do sistema colonial-capitalista como parte de tal problemática. Dessa forma, chama a atenção para a centralidade das análises nas relações entre capital, poder, natureza e a impossibilidade de ocultar as relações de raça, classe, gênero, sexualidade e nação como problemáticas que compõem a questão ambiental. Defendendo, portanto, que investigar as relações constituídas com os ecossistemas na sociedade moderna<sup>3</sup> perpassa por analisar relações de trabalho, reprodução e condição de vida.

---

<sup>3</sup> Nuñez *et al.* (2020), em diálogo com o trabalho “*Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*” de Nelson Maldonado (2019) toma a modernidade como sinônimo de colonialidade ao compreender que este período constitui-se como atualização de estratégias de extermínio de modos de vida que divergem da lógica ocidental nas colônias. Dessa forma, a modernidade aqui é lida associada a colonialidade.

Uma análise possível de ser realizada dentro do projeto político e econômico da agricultura em larga escala sistematizada em solo brasileiro. Esta, caracterizada pelo monocultivo da terra, se tornou um meio de produção de *commodities*, exterminando e expulsando dos territórios do Sul global as populações indígenas, negras, mulheres e pequenos agricultores. Em um curso histórico de sistematizações e produções de violências, a terra tornou-se um meio de concentração de poder a grandes proprietários e empresas transnacionais. Empresas que com sede nos países do Norte global, continuam estimulando a produção da monocultura como um modo de reprodução do capital por meio da exportação de máquinas agrícolas, sementes transgênicas e agrotóxicos (Larissa Bombardi, 2023). Elementos que compõem a perpetuação do contínuo cenário de desastres ecológicos orquestrado de modo violento pela operação do sistema colonial-capitalista.

Nesse sentido, a crise ecológica – visibilizada também pelas catástrofes ambientais – evidencia os limites da perspectiva hierárquica e separação dual entre humano e natureza que em termos materiais, concretiza-se pelo risco da continuidade da multiplicidade e de alguma vida humana na terra. Como ressalta Donna Haraway (2016), obriga a assumir a parcialidade do humano como agente que garante a reprodução da vida, bem como coloca a necessidade de criar processos de cuidado das múltiplas espécies orgânicas. Isso implica, principalmente, na necessidade de (re)pensar as narrativas hegemônicas que colocam o humano em centralidade. Para tanto, conforme enfatiza Ailton Krenak (2019), é necessário romper com a construção colonial do homem branco europeu que institui de forma violenta essa ideia fixa de humanidade descolada da terra. Como caminho, aponta para as múltiplas configurações de mundo produzidas por núcleos – caiçaras, indígenas, quilombolas, aborígenes – que colocam a terra em centralidade e, portanto, vivenciam modos de vida orgânicos.

Dessa forma, atentar-se para a multiplicidade de relações e os sentidos vivenciados com a terra, se coloca como possibilidade de criar aberturas nos eixos estruturantes do colonialismo na América Latina que está implicado nas problematizações do Antropoceno. De acordo com Bruno Gonçalves (2016), o colonialismo se funda por meio da articulação entre o racismo que cria a ficção da branquitude como valor de superioridade; a opressão de gênero que coloca como inferiores mulheres e identidades dissidentes da figura do homem heterossexual; o controle e a exploração do trabalho de

acordo com a raça, o gênero e a localização geopolítica; a epistemologia eurocêntrica que fundamenta a produção de um mundo de modo hierárquico e classificatório; e a colonização da natureza que considera o não humano uma matéria-prima e os modos de vida orgânicos como inferiores.

Essa lógica colonial está intrínseca à formação do campo prático e teórico da psicologia latino-americana, que também se formou hegemonicamente enquanto uma ciência importada. Portanto, constitui-se como uma ciência implicada na reprodução e operacionalização da concepção de um humano tido como universal, individualizado e apartado da diversidade dos ecossistemas, conforme os arranjos da racionalidade ocidental moderna. Tal formação colocou em necessidade a construção da descolonização do pensamento por meio de questionamentos das narrativas e epistemologias que compõem os processos formativos acadêmicos (David Pávon-Cuéllar, 2021). Tendo como aberturas de caminhos, a aposta na atenção e no testemunho da memória e das sabedorias construídas no cotidiano por povos latino-americanos, que se configuram como resistências à estruturação da lógica colonial-capitalista (Bruno Gonçalves, 2016; David Pávon-Cuéllar, 2021).

Dessa forma, esse trabalho busca habitar a problemática da construção da concepção de um humano apartado da terra que também se (re)produz de forma hegemônica no campo teórico e prático da psicologia. Tal questão se coloca na medida em que a primeira autora, ao entrar em edifícios universitários localizados em grandes centros urbanos, se vê precisando lavar os seus pés sujos pela terra, numa tentativa de apagar as suas experiências apreendidas dentro da sua comunidade rural de nascimento. Um apagamento que se engendra pelos discursos e epistemologias que tomam a centralidade no humano como modo de fazer dessa ciência, e cria invisibilidades a modos de vida que fogem dessa lógica, como por exemplo de mulheres que se relacionam e produzem modos de vida junto a terra.

Assim, é com a memória de saberes e práticas da roça apreendidas na relação com a terra junto com mulheres que fazem do policultivo um modo de reprodução da subsistência, é que este trabalho germina. Uma afirmação da memória da primeira autora junto com o encontro com um grupo de mulheres do seu território de nascimento social que, possui potencial de tensionar as concepções epistemológicas da racionalidade ocidental moderna. Um modo de testemunhar produções de conhecimento de mulheres

que afirmam modos de vida em coexistência com a terra, produzindo no cotidiano, saídas para a crise ecológica teorizada pelas perspectivas do Antropoceno.

Nesse sentido, pesquisadoras do chão é um termo designado para nomear as mulheres que compõem essa pesquisa como também para visibilizar um modo de produção de conhecimento construído no cotidiano em coexistência com a terra. Um posicionamento ético, estético e político baseado nas indagações de Ailton Krenak (2022), que ao criticar a produção colonial do mundo em que a terra é tomada como sinônimo de sujeira enfatiza que “estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis.” (Ailton Krenak, 2022, p. 20). Assim, o objetivo deste trabalho pode ser traduzido por cartografar como mulheres com trajetórias de vida marcadas pelo policultivo da terra tensionam a construção de narrativas baseadas na centralidade da figura do humano nos processos de composição de mundo(s).

### **CAMINHO PERCORRIDO**

Esse percurso de pesquisa foi inspirado em pistas cartográficas que associam à produção de conhecimento como um ato de criação realizado a partir da abertura do corpo ao plano coletivo de forças que movimentam as relações entre humanos e não humanos. Dessa forma, caracteriza-se por um acompanhamento de processos em que não há procedimentos pré-estabelecidos conforme é instituído pela concepção da racionalidade moderna de uma realidade dada, que pode ser conhecida por meio da representação. Trata-se, acima de tudo, de um processo de experimentação junto com a configuração de uma determinada paisagem, de modo que a utilização da palavra se coloca como um meio de testemunhar os afetos emergentes do/no campo (Laura Pozzana, 2013).

Essa cartografia se inspira também na trajetória de pesquisadoras que realizam um trabalho de memória assumindo a junção do seu lugar social com o lugar epistêmico (Érika Oliveira; Maria Bleinroth; Yasmin Silva, 2021); e na compreensão que a produção de conhecimento por meio de epistemologias ecológicas em contrapartida ao Antropoceno, é realizada no coletivo junto à abertura às forças produzidas pelo humano e não humano (Carlos Steil; Isabel Carvalho, 2014).

Cabe ressaltar, que este trabalho decorre de uma pesquisa de mestrado<sup>4</sup> realizada por meio do reencontro da primeira autora com mulheres que realizam o policultivo da terra em um município de pequeno porte da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Um território que está marcado pelo processo de colonização italiana e, portanto, caracteriza-se pela posse da terra por homens brancos. Decorrente disso, as relações sociais são permeadas por opressões históricas da produção colonial capitalista do mundo que incidem, inclusive, na trajetória de vida das mulheres que compõem essa pesquisa. Ao tempo que também, são mulheres que constroem sentidos para suas existências por meio de práticas do policultivo da terra que são nomeadas no território como cultivo das miudezas.

Para este trabalho, busca-se visibilizar como o policultivo da terra pode ser tomado como um modo de cuidado dos ecossistemas e, portanto, não se reduz apenas à prática do cultivo de alimentos. Uma vez que, o policultivo da terra é formado por uma paisagem de múltiplas espécies orgânicas que se entrecruzam, diferentemente das produções da monocultura que se caracterizam por uma paisagem intensiva de uma só espécie, que se sobrepõe junto com a destruição da diversidade do ecossistema local. No território da pesquisa, isso se traduz pelo protagonismo das mulheres em cultivarem alimentos e plantas medicinais para o autoconsumo e para troca entre a vizinhança, enquanto, é possível observar os homens como principais agentes implicados no avanço da agricultura em larga escala por meio da monocultura da soja, do fumo e do milho.

O encontro com as mulheres que compõem essa pesquisa aconteceu no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município em questão. Formaram esse processo de pesquisa 21 mulheres localizadas em diferentes comunidades rurais e no perímetro urbano do município. Houve uma variação quanto à idade das participantes, distribuídas entre os 18 anos e 75 anos. Em relação à raça, sete mulheres se autodeclaram pardas e o restante brancas. Assim, o grupo foi formado pela conjugação de uma diversidade de mulheres, seja no que se refere à raça, à geração ou ao território em que estão localizadas no município.

Como configuração dos encontros, estes se deram por meio de três rodas de conversa nomeadas como “contação de causos”, sendo esta uma prática comum da

---

<sup>4</sup> Mestrado realizado entre os anos de 2022 a 2024 vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

política de vizinhança local. Para esse trabalho, foram trazidas as narrativas de seis mulheres que estão implicadas nos objetivos e questões propostas. Cabendo destacar que essas narrativas são construídas ora de forma singular ora de forma plural, a partir de reflexões realizadas previamente de forma dinâmica em pequenos grupos.

As mulheres consentiram a sua participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), sendo entregue um termo assinado em igual teor, com o comprometimento do sigilo e a preservação de qualquer identificação das participantes. Havendo que constar a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, devidamente vinculado a CONEP, atendendo às disposições da Resolução 466/2012 da CONEP e a Resolução 510/2016. Como forma de manter o sigilo das participantes, estas são referidas por meio da nomenclatura de uma flor ou planta tendo em consideração sua relação e aproximação com a terra.

#### **TESTEMUNHO DA EXPERIÊNCIA DO PROCESSO DE POLICULTIVO DA TERRA**

São múltiplas as sabedorias e práticas implicadas nos processos de cultivo da terra de acordo com o território e com os diferentes modos de vida. Ao se falar em agricultura familiar – característica do município em questão –, de acordo com Maria Wanderley (2003), há certa dificuldade de caracterizá-la precisamente. Isto pois, esta se constitui como integrada ao projeto político do Estado moderno, que submeteu a terra ao poder das políticas externas com o objetivo de exploração econômica por meio dos monocultivos; ao mesmo tempo que dentro dela também continuam sendo transmitidos saberes tradicionais que compõem policultivos ligados à agricultura de subsistência. Como exemplo, Renata Menasche, Flávia Marques e Cândida Zanetti (2008) em pesquisa realizada com agricultoras e agricultores familiares do Vale do Taquari/RS, ressaltam que práticas de cultivos ditas modernas coexistem com pequenas criações e práticas de policultivos baseadas em saberes tradicionais, sendo este último protagonizado principalmente pelas mulheres.

Dessa forma, embora o policultivo da terra que caracteriza a agricultura de subsistência sofra de um ataque sistemático pelo projeto de comercialização da agricultura em larga escala, de acordo com Silvia Federici (2019), estas práticas e saberes do policultivo resistem junto com mulheres que se relacionam com a terra, respeitando-a



como um modo de produção de segurança alimentar da família e da comunidade. Nessa perspectiva de cultivo, fazem um uso não capitalista dos recursos naturais, de modo que o seu trabalho não é remunerado e por vezes nem reconhecido, mesmo que garanta a reprodução. Associado a isso, considera que é difícil mensurar a proporção da agricultura de subsistência no mundo, havendo indícios de acordo com o trabalho de Bryceson (1993, *apud* Federici, 2019), que mesmo mulheres que se tornaram urbanizadas continuam a cultivar alimentos de subsistências em terras que possuem acesso, de forma a manter a autonomia perante as forças do mercado.

Ao que se refere ao grupo de mulheres que agenciam essa pesquisa, embora a maioria tenha suas histórias de vida marcadas pela agricultura familiar por nascerem e continuarem trabalhando dentro desse modo de (re)produção em comunidades rurais, atualmente algumas se encontram no perímetro urbano, reproduzindo práticas de policultivo da terra nos terrenos de suas residências. Também faz parte do grupo de mulheres, uma participante nascida em um grande centro urbano, que ao se mudar para o município começa a realizar práticas de policultivo por meio das relações estabelecidas entre a vizinhança, como pode ser observado na cena 1 narrada a seguir.

Ao questionar a existência das sementes crioulas junto ao grupo, Girassol nos conta que de forma cíclica planta e depois colhe essas sementes para semear de novo. Hibisco por sua vez, relata que recebeu esses dias de sua vizinha, cinco ou seis tipos de sementes de vagem. Considera bonito esse sistema de troca de sementes que o pessoal ainda faz. Avenca em tom afirmativo enfatiza que as gentes ainda cuidam das sementes. Hibisco, testemunha então que nasceu em São Paulo e que isso não existe na cidade grande, tudo tem que comprar, não existe um sistema de trocas. Diz então que gosta do estilo de vida daqui, aqui é mais calmo. Tu vê que as pessoas tem horta, tem coisa plantada, elas veem uma terrinha e tem coisa plantada. Conta que aprendeu a mexer com a terra, não sabia o que era mexer com a terra, plantar verdura, plantar as coisas... tem prazer em ter essas coisas, que nem a mulherada tem as plantinhas de tempero, essas plantinhas de fazer chá, os remedinhos caseiros. Conta que até nisso começou a pegar gosto e que é uma coisa que tá sendo ótima.

(Cena 1)

Diferentes concepções atribuídas à terra estão intrínsecas nos modos de constituição do que configura as perspectivas do humano, seus modos de conceber as relações sociais e os ecossistemas. Na paisagem desta pesquisa, ao centralizar as narrativas que se referem às sementes crioulas, pode-se discorrer acerca das relações estabelecidas entre as mulheres com a terra nos processos de composição da vida local. O sistema de trocas de

sementes crioulas realizado entre a vizinhança constitui uma política e uma estética do território que é nomeada pelas próprias mulheres.

Ao nos depararmos com as construções de Vandana Shiva (1998), é possível perceber que as sementes crioulas compõem um processo de resistência à comercialização da agricultura que, como cerne, perpetua-se por meio das sementes transgênicas patenteadas por empresas de biotecnologia. Essas transformam agricultores/as em consumidores/as que necessitam comprá-las anualmente dentro de um sistema global que gere a produção dos monocultivos. Assim sendo, as sementes transgênicas constituem um modo de produção característico do mundo colonial capitalista, que no arranjo da agricultura em larga escala, possui o poder germinativo da acumulação primitiva e da destruição de modos de vida e de ecossistemas locais.

Em contrapartida, as sementes crioulas se caracterizam pela sua variabilidade e, portanto, pelo policultivo de alimentos destinados ao consumo local. Possuem o poder germinativo da reprodução dos saberes tradicionais que garantem a continuidade das vidas humanas e não humanas. Compõem a paisagem de diferentes territórios e possuem as mulheres como suas principais guardiãs que, inclusive, estabelecem uma relação afetiva com as mesmas (Vandana Shiva, 1998).

Nesse sentido, percebe-se que são sementes que germinam relações sociais baseadas num sistema de trocas entre mulheres que está intrínseco nas práticas de policultivo da terra. Ou seja, compõem e garantem um modo de reprodução da vida baseado em uma perspectiva de cuidado comunitário, diferentemente da produção colonial capitalista do mundo que se funda por meio de relações de exploração e hierarquização entre humanos e não humanos. Assim, as mulheres ao trazê-las como parte do processo de composição da vida local, apresentam uma configuração de mundo baseada em uma perspectiva de cuidado que é descentralizado da figura do humano como o único agente responsável pela reprodução e afirmação da vida.

A descentralização da figura do humano nos processos de composição da vida, também é possível de ser observada a partir da Cena 2, que caracteriza o modo de relação estabelecida entre as mulheres com o ecossistema local dentro dos processos de policultivo da terra realizados no contexto da roça.

A partir de fotografias de paisagens do território, Samambaia discorre acerca do que elas as remetem dentro de uma discussão realizada previamente num pequeno grupo de mulheres. Narra uma fotografia dizendo que ali é uma floresta que lembra a natureza, o ar puro respirado, o canto dos pássaros, o

barulho dos riachos, as borboletas, o cheiro de floresta, de silvestre, de tudo de bom. Se refere às tantas vezes que íamos na roça e passamos no meio do mato... os bichinhos, os passarinhos que cantava... a vida silvestre, os rastros, as pegadas dos bichos que seguido se cruzava dentro do mato.

(Cena 2)

O som dos pássaros, o cheiro de silvestre, o rastro do selvagem são exemplos de elementos que compõem a paisagem do policultivo da terra junto com o agenciamento entre as sementes crioulas e a comunidade de mulheres. Há uma relação estabelecida com o selvagem que é afirmado como parte da composição da vida local, divergindo das concepções da racionalidade ocidental de separação entre a natureza e a cultura.

Essas vivências podem ser movimentadas junto com as construções de Ailton Krenak (2020) acerca de cosmologias indígenas que tensionam tal dicotomia por meio da experiência nomeada como sentir a fricção da vida junto à floresta. Enfatiza que “[...] experimentar a pressão da vida talvez fosse a experiência para substituir a ideia de natureza. Isso que a cultura chama de natureza deveria ser uma fricção do nosso corpo com a vida” (Ailton Krenak, 2019, p. 21). Isso incide, inclusive de acordo com Ailton Krenak (2022) numa concepção de mundo em que não há possibilidades de estabelecer fronteiras entre o corpo humano e o não humano.

Nesse sentido, a produção das narrativas das mulheres acerca dos processos de policultivo da terra é permeada por forças não humanas que, dentro da lógica hegemônica da racionalidade ocidental moderna, ganham a conotação de inferiores e/ou negativas. Por ameaçarem a centralidade da figura do homem branco em seu processo contínuo de produção de um mundo colonial capitalista, necessitam ser capturadas, dominadas ou eliminadas. Sendo possível perceber, conforme ressaltado por Saulo Fernandes (2014), que é na estética da vida cotidiana que diferentes núcleos localizados em territórios rurais, constroem resistências à lógica dominante por meio de suas experiências imediatas e sabedorias transmitidas de forma geracional. Denunciando, portanto, que há um mosaico de modos de vida criados junto com os ecossistemas no contexto das ruralidades que resistem à lógica hegemônica.

Tal constatação se coloca como uma materialidade para compreender que a categorização da natureza é uma criação ficcional que necessita ser analisada dentro do território em que foi produzida. Marilyn Strathern (2014), ao se referir à perspectiva da racionalidade ocidental de separação entre natureza e cultura, ressalta que há uma

multiplicidade e mobilidade de significados que podem ser produzidos por diferentes sujeitos acerca das mesmas.

Nesse sentido, a perspectiva do policultivo da terra protagonizado pelas mulheres junto a forças ditas selvagens é uma experiência singular, localizada e permeada por produções de sentidos moventes na composição do território dessa pesquisa. Criar visibilidades a esses processos de singularização, de acordo com Félix Guattari (2012), se coloca como uma forma de unir forças para a criação de respostas à crise ecológica. Questão ecológica essa, teorizada por conceitualizações do Antropoceno, e que necessitam ser movimentadas com atenção aos modos de vida que afirmam sua coexistência com os ecossistemas locais.

Ecossistemas que também são formados pelo mistério que, por vezes, se manifesta por meio de rastros e permite imaginar e (re)criar múltiplas perspectivas de mundo possíveis. Bell hooks (2022), ao narrar sua infância em território rural nas colinas de Kentucky considera que ali junto com o mistério do ecossistema local, sentiu forças poderosas que lhe ensinaram o lugar e os limites da figura humana. Ressalta que aprenderá a se cuidar por meio de práticas de cultivo e acredita que agricultoras e agricultores possuem uma sensibilidade diferente ao confiarem no espírito selvagem e por vezes ignoram regras de conduta produzidas por figuras humanas.

Antonio Bispo dos Santos (2023) também tece suas críticas trazendo em contrapartida da lógica humanista, os “diversais” que se consideram como criaturas da natureza e constroem cosmologias que decorrem das forças sentidas por meio do seu envolvimento orgânico. Assim, protagonizam a criação de modos de pensamento que são engendrados por e com as forças do ecossistema. Forças que também podem ser sentidas na experiência das mulheres que protagonizam essa pesquisa, narrada por meio da Cena 3.

É um dia chuvoso, as mulheres se encontram em frente ao CRAS na espera que as portas se abram. Enquanto isso, o cauro se desenrola pelo clima que está fazendo ou deixando de se fazer, seguido da preocupação com o efeito do sol e das chuvas nas plantas. Camomila conta que está na poda das videiras e entre um gesto e outro, explica que a poda está sendo feita de forma precoce devido ao pouco frio que faz nesse inverno no Rio Grande do Sul. Algo incomum, que lhe traz a preocupação que se o frio tardar a chegar, as fruteiras vão sofrer e não gerarão frutos. Sabe que o seu trabalho constitui apenas uma parte do processo de cultivo e convive cotidianamente com o risco das intempéries. Mesmo reconhecendo os limites do seu trabalho, insiste em apostar de forma cíclica nos processos de policultivo.

(Cena 3)

Para realizar o policultivo da terra é necessário reconhecer que a chuva e o sol incidem no tamanho e nos sabores dos frutos. O clima é quem dita o tempo dos policultivos e o modo de organização do trabalho das mulheres que sentem a incidência das mudanças climáticas nas suas dinâmicas de vida. Assim sendo, ao se relacionarem com a terra vão produzindo sabedorias também acerca das questões ambientais, sendo este modo de conhecer, de acordo com Julyanna de Mello, Érica Oliveira e Saulo Fernandes (2023), caracterizado pela ordem da vivência com o outro: humano, não humano, natureza e território. Um modo de produção de conhecimento que se constitui de forma inventiva, numa temporalidade própria e não se reduz à reprodução de códigos sociais. Portanto, se caracteriza por uma produção de saberes que são vivenciados cotidianamente por meio de registros corporais, capazes de passarem quase despercebidos. Para Saulo Fernandes (2014) tais sabedorias são emergentes do campo da experiência, trazem o protagonismo de quem as narra e não necessita do reconhecimento institucional para considerar seus saberes, legítimos de serem vividos.

Nesse sentido, o modo de produção de tais sabedorias pode provocar no campo institucionalizado de produção de conhecimento – a exemplo da formação universitária – a necessidade de repensar as suas epistemologias baseadas na racionalidade ocidental, que ainda as estrutura de forma hegemônica. Pois, é no cotidiano que diferentes núcleos produzem respostas à crise ecológica e resistem às violências produzidas pela lógica colonial capitalista de produção do mundo. Sujeitos que, como as mulheres que agenciam essa pesquisa, por vezes se auto designam de forma negativa, em razão de que, necessitaram abandonar os processos de escolarização para manter suas existências por meio do trabalho na roça.

Tal questão é debatida por Rita Maciazeki-Gomes (2017), que ressalta que há a criação de um imaginário social que coloca trabalhadoras rurais como inferiores por desenvolverem um trabalho braçal em contrapartida ao trabalho intelectualizado, que é valorizado e tende a estar localizado em grandes centros urbanos. Porém, a experiência do policultivo da terra narrado pelas mulheres que protagonizam essa pesquisa, demonstra a complexidade do trabalho com a terra e as produções de sabedorias junto com os ecossistemas, permitindo inclusive, visualizar possibilidades de composições de mundo

que divergem do arranjo colonial capitalista e sua produção da crise ecológica. A cena 4 também possibilita sentir o processo de composição de saberes.

Rosa também narra fotografias discutidas entre um grupo de mulheres. Assim conta, aqui são sementes de feijão e escrevemos: “podemos escolher o que plantar mas somos obrigados a colher o que semeamos”. Aqui é uma bacia com os alimentos que nós plantamos e daí a gente escreveu: “o que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada, caminhando e semeando você terá o que colher”.

(Cena 4)

Sabedorias dos processos de semeadura, da necessidade do caminho e da colheita narradas por Rosa, fogem da ordem de uma representação. São realizadas por meio do intensivo, da fricção, do afeto. Carregam perspectivas de vida que não reduzem os processos de policultivo da terra como apenas um modo de reprodução material da vida das mulheres e da comunidade. Compõem produções de sentidos que são realizadas por meio da relação estabelecida com a terra. Trazidas para contextos universitários, ensinam e inspiram a criação de epistemologias ecológicas que, contrapondo-se à lógica da representação, compreendem que “[...] os significados, os conceitos e as abstrações que resultam do processo de conhecimento não constituem um mundo à parte em relação à matéria e às coisas.” (Carlos Steil e Isabel Carvalho, 2014, p. 164).

Deste modo, a terra se constitui como fonte de sabedorias que são traduzidas por meio de seus modos de vida formados dentro de um arranjo de cuidado comunitário. No cotidiano, as mulheres, ao realizarem o policultivo da terra, produzem conhecimentos por meio das experiências dos seus próprios corpos que se engajam e compõem a paisagem do território junto com forças não humanas. Assim, podem ser nomeadas como pesquisadoras do chão, por burlarem fronteiras criadas entre a cultura e a natureza como modo de conceber o mundo de acordo com a racionalidade ocidental. Habitam uma concepção ontológica que tensiona a lógica Antropocena e que pode ser dialogada com as construções de Carlos Steil e Isabel Carvalho (2014), sobre a urgência da compreensão do mundo dentro de uma ontologia simétrica, que reconheça que os seres não humanos também o produzem. Entendendo que há uma “[...] simetria entre as coisas e o pensamento, os seres humanos e os não humanos, os processos históricos e os naturais.” (Carlos Steil e Isabel Carvalho, 2014, p. 165).

Mulheres pesquisadoras do chão nos oferecem pistas, a partir de suas práticas de policultivo da terra, sobre como criar modos de pensamento e consequentemente arranjos

de mundo fundados em epistemologias ecológicas. Um modo de conhecer que é indissociado do modo em que habitam o território, reproduzindo as suas existências e da própria comunidade por meio de um sistema de trocas realizado de modo orgânico. Atentar-se para a multiplicidade de modos de vida orgânicos que resistem no cotidiano à produção colonial capitalista do mundo, coloca-se como uma possibilidade de criação de processos de descolonização do pensamento, cuja tarefa perpassa por descentralizar a figura do humano nas composições do mundo.

### **SABOREAR ALGUNS FRUTOS E CUIDAR DE SUAS SEMENTES**

Pesquisadoras do chão, mulheres na agricultura de subsistência, agriculturas familiares ou qualquer outra categorização que nos permita nomear mulheres que realizam o policultivo da terra junto às forças não humanas, precisam ser reconhecidas como parte da preservação de ecossistemas locais e do cuidado com os frutos experienciados cotidianamente por quem vive apartado da terra. Mas não são quaisquer frutos, na paisagem dessa pesquisa, as mulheres nos ensinam sobre a pluralidade de modos de cultivo e a necessidade da escolha das sementes crioulas como germinação da vida humana e não humana. Compreensão necessária, dentro das teorizações sobre a crise ecológica produzida pelo sistema colonial capitalista, que no contexto das ruralidades se manifesta pela agricultura predatória de larga escala.

Mulheres pesquisadoras do chão em seu sistema de trocas, nos oferecem sementes que nos trazem o compromisso ético-político sobre como vamos devolvê-las à terra. Para repensar e recriar os processos hegemônicos de composição do mundo, não é possível apenas descartá-las numa lata de lixo que posteriormente é depositada num aterro sanitário. É necessário cuidá-las junto com o cuidado com a terra, para que dentro de suas temporalidades próprias e em solo fértil, estas possam compor novos processos de policultivo. Um modo de reprodução da existência que carrega suas próprias sabedorias de manutenção da vida por meio do cuidado com as forças orgânicas, e nos oferecem pistas, sobre como criar rachaduras nas produções de conhecimentos instituídas nos contextos universitários que se baseiam, hegemonicamente, na racionalidade ocidental e sua centralidade na figura do humano.

Nessas sementes que sentimos em mãos, notamos o potencial de germinação de processos de produção de conhecimento baseados na perspectiva de um corpo que se engaja e se suja com a terra. Um modo de conhecer que se dá pela abertura a forças orgânicas que precedem a composição das narrativas testemunhadas neste trabalho por meio da palavra. Um corpo que ao pesquisar junto ao chão se coloca aberto ao encontro com o rastro do selvagem que surge de forma inesperada e impossibilita qualquer captura pela racionalidade ocidental por meio da representação. Ao invés disso, este rastro se coloca como possibilidade de imaginação e criação de perspectivas de mundo(s) possíveis por meio da afirmação da pluralidade e da diversidade da vida dentro do ecossistema.

Nesse sentido, práticas de policultivo da terra podem ser um modo de construção de perspectivas moventes sobre a figura humana implicadas na lógica do Antropoceno, denunciando a sua farsa enquanto ente centralizador na produção de mundo. Para avançar em tal questão, sabedorias intrínsecas a modos de vida de sujeitos comuns que não necessitam de amarras institucionais para se legitimar, demonstram como produzir conhecimentos indissociáveis das relações com a terra. Sabedorias que possibilitam imaginar e recriar mundos baseados na reprodução da vida dentro de uma perspectiva de trocas comunitárias. Um saber-fazer de mulheres pesquisadoras do chão que vivenciam modos de vida por meio da afirmação da pluralidade do ecossistema e da constituição da vida.

**Sobre o artigo:**

Recebido: 13 de agosto de 2024.

Revisado: 04 de fevereiro de 2025

Aceito: 06 de março de 2025



## REFERÊNCIAS

- BOMBARDI, Larissa Mies. **Agrotóxicos e colonialismo químico**. São Paulo: Elefante, 2023
- FEDERICI, Silvia. Mulheres, lutas por terra e globalização: uma perspectiva internacional. In: \_\_\_\_\_ **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Tradução: Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FERNANDES, Saulo Luders. Revisitando os saberes psicológicos: Reflexões por uma psicologia do campo. **Cadernos de Subjetividade**, v. 16, p. 85-103, 2014.
- GONÇALVES, Bruno Simões. A Dupla Consciência Latino-Americana: contribuições para uma psicologia descolonizada. **Revista Psicologia Política**, v. 16, n. 37, p. 397-413, 2016.
- GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. 21º ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- GUZZO, Marina Souza Lobo et al. Práticas artísticas diante do antropoceno: uma experiência de refúgio. **Liinc em revista**, v. 18, n. 1, p. e5908-e5908, 2022.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016..
- hooks, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. Tradução: Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. Companhia das letras, 2022.
- MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia (2017). **Narrativas de si em movimento: uma genealogia da ação política de mulheres trabalhadoras rurais do sul do Brasil**. 2017. 231 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa Doutoral em Psicologia da Universidade do Porto e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Universidade do Porto/Universidade Federal de Santa Catarina. Porto/Florianópolis, 2017.
- MENASCHE, Renata; MARQUES, Flávia Charão; ZANETTI, Cândida. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista de Nutrição**, v. 21, p. 145-158, 2008. DOI: 10.1590/S1415-52732008000700013

MORRE, Jason W. O surgimento da natureza barata. *In*: MORRE, Jason W. **Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo**. Tradução: Antônio Xerxenesky & Fernando Silva e Silva. Editora Elefante, 2022. p. 129-187.

NUÑES, Geni *et al.* Partilhar para reparar: tecendo saberes anticoloniais. *In*: FERNANDES, Rosa Maria Castilhos & KAINANG, Angélica Domingos (Orgs). **Políticas Indigenistas: contribuições para a afirmação e defesa dos direitos indígenas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2020. p. 153-167

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares.; BLEINROTH, Maria Laura Medeiros; SILVA, Yasmin Macian. Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em Psicologia Social. *In*: CRUZ, Lilian Rodrigues *et al.* (Orgs). **Interrogações às políticas públicas sobre travessias e tessituras do pesquisar**. Florianópolis, SC: Editora da Abrapso, 2021. p. 13-32.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Rumo a uma descolonização da psicologia latino-americana: condição pós-colonial, virada decolonial e luta anticolonial. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 20, n. 39, p. 95-127, 2021.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, p. 323-338, 2013.

RIBEIRO, Julyanna de Mello; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; FERNANDES, Saulo Luders. Uma pesquisa com os pés empoeirados: memórias de mulheres rurais. **Revista Psicologia Política**, v. 23, n. 56, p. 115-130, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.  
SHIVA, Vandana. El saber propio de las mujeres y la conservación de la biodiversidad. *In*: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **La Praxis Del Ecofeminismo: Biotecnología, consumo, reproducción**. Barcelona: Icaria, 1998, p. 13-26. *Ebook*. ISBN: 84-74-26-381-3

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, p. 163-183, 2014. DOI: 10.1590/S0104-93132014000100006

STRATHERN, Marilyn. Sem natureza, sem cultura: o caso Hagen. *In*: \_\_\_\_\_ (Org.) **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, p. 23-74, 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos sociedade e agricultura**, v. 21, n. 10, p. 42-61, 2003.